

# O vendedor de picolés

Sueli Salva

24 de março de 2020 - Porto Alegre

Um menino entra na rua Aurélio Porto. Ele empurra um carrinho de picolés. Uma caixa de som grita: *Atenção, atenção garotada! Está na sua rua, em frente a sua casa, o carro do picolé. Compre três picolés cremosos, de vários sabores, por apenas 2,50. É imperdível! Ou se preferir quatro picolés de fruta, de vários sabores por apenas 2,50.* O menino segue caminhando, mancando com uma das pernas, enquanto a caixa de som mantém seu chamado e a caixa de isopor de cor amarela mantém os picolés. Mesmo que todos da rua escutem, ninguém sai à porta. Todos estão com medo, não sei se apenas da contaminação decorrente pela Covid-19, ou do menino e sua pobreza que se desnuda diante dos olhos. O menino que vem a porta escancara a sociedade que exclui, discrimina, promove uma desigualdade abissal, obrigando muitas pessoas de nosso país a lutarem sozinhas pela sobrevivência, mesmo que elas sejam ainda crianças.

O menino segue caminhando. As portas das casas não se abrem, as crianças não saem, os adultos também não. O menino para durante algum tempo no portão de um prédio. Ele supõe haver ali muitas crianças desejosas de picolé que pode amenizar o calor que ainda faz no mês de março, mas o silêncio só é quebrado pela caixa de som que continua gritando. Nenhuma criança está no jardim, nenhuma criança joga bola, nenhuma criança abre a porta, nenhuma! Nenhum adulto abre a janela, nenhum adulto atende o interfone. Ninguém compra o picolé que derrete devagar no carro do menino. A esperança, que já era fina como fio de seda desenhada no corpo frágil do menino, aos poucos, também derrete abraçada aos tantos picolés de fruta e cremosos guardados na caixa de isopor do menino vendedor.